O tom carinhoso do padre confundiu-o ainda mais. Veio um nó na garganta, era indigno de tanto carinho, tanta paciência para quem não sabia sequer rezar o eu-pecador. O padre estava agora perguntando quais eram os seus pecados. A confissão era ajudada, empurrada pelo confessor. Gílson não tinha rezado o eu-pecador inteiro, valeria assim mesmo a confissão? Respondia com dificuldade, depois de cada resposta esperava nova pergunta do padre.

BOCA DO INFERNO

OTTO LARA RESENDE

Nunca sabia quantas vezes, tinha ideia de que nunca fizera outra coisa, passava o tempo cometendo pecado, pecado por omissão, palavras e obras. A confissão parecia demorar muito, certamente os outros meninos estavam notando que Gílson se demorava no confessionário, cheio de pecados para contar. Mas quando se levantou, percebeu que tinha passado depressa demais. Era como se não tivesse havido confissão. Tudo continuava na mesma. O sol iluminava, mais alto, as figuras barbudas da parede. Não soube rezar o senhor-meu-jesus-cristo, foi preciso o padre ir dizendo para que ele repetisse palavra por palavra. Deixou a sacristia apressado, na porta um menino ria sem razão. Não viu quem o substituiu no confessionário, foi depressa para a capela-mor, ajoelhou-se bem defronte do altar. Jesus Cristo pregado na cruz, Jesus Cristo morreu por nós, Jesus Cristo está presente na eucaristia sob as espécies do pão e do vinho. A penitência tinha sido pequena

COMPANHIA DAS LETRAS

Resumo de Boca do Inferno

Nos sete contos que compõem Boca do inferno , Otto Lara Resende exibe incomparável controle da escrita ao falar sobre as profundezas - de Minas Gerais e do lado mais sombrio da infância.

Ecoam ainda nos dias de hoje as consequências de histórias como as de Boca do inferno , publicado originalmente em 1957. Talvez naquele tempo o escritor e jornalista Otto Lara Resende não imaginasse o quão preciso poderia ser este compacto exemplar.

O mais provável é que soubesse. Em um contexto em que a religião dita as regras, o autor traz à superfície os mais bem guardados baús dos porões da família mineira.

Não por acaso, as sete narrativas aqui reunidas têm como protagonistas meninos e meninas que, no fim da infância, são lançados de um momento para outro no conhecimento tenebroso das coisas.

É sempre aí - na gruta sob a laje, no porão cheirando a mofo, no quarto quieto no meio da noite, no moinho solitário e monótono - que se dá a improvável revelação.

Com o peso do que foi longamente gestado, com a força de uma límpida poesia da dor. Boca do inferno permaneceu durante décadas fora do comércio, não por falta de pedidos, mas porque seu autor - exigente - vivia a reescrevê-lo, adiando continuamente as novas edições.

De fato, só a exigência literária extremada poderia lograr uma escrita como esta. Escrita que flui, mas, súbito, se interrompe, deixando à mostra profundidades insondáveis da existência.

Acesse aqui a versão completa deste livro